

“A NECESSIDADE E O CHICOTE”: SECA E SAQUE EM LIMOEIRO – 1953

MÔNICA EMANUELA NUNES MAIA

*“O chicote da necessidade fez as idéias galoparem”.*¹

As secas sempre estiveram presentes no contexto do sertão nordestino, causando prejuízos sociais e econômicos de extrema relevância. A seca ainda acontece enquanto fenômeno natural e na mesma intensidade de antes, ou seja, destrói as plantações, os animais, acaba com as fontes de água e transforma numa situação difícil a vida dos camponeses pobres. Porém, ocorreram modificações nas relações sociais.

Da mesma forma que se dá nas áreas mais precárias da grande região Nordeste acontece aqui. A seca é entendida como agravante dos problemas sociais na região do Vale do Jaguaribe e especificamente em Limoeiro do Norte, espaço delimitado para a realização da pesquisa. Esta cidade sempre é afetada pela seca, apesar de apresentar algumas peculiaridades, pois não é considerada uma das regiões mais carentes do Estado, ao contrário, a região é considerada rica, a cidade é relativamente pequena e situada entre dois rios: Jaguaribe e Banabuiú. No entanto, quando não há inverno as populações das áreas rurais principalmente, ficam em situações demasiadamente precárias. Essas populações dependem da regularidade das chuvas, e se elas não chegam, estas caminham para a situação de calamidade.

É perceptível que muitos trabalhos de pesquisa já se debruçaram e ainda se debruçam sobre o problema da seca no Nordeste e no Ceará, pois são áreas extremamente afetadas por essa problemática, justificando assim a ampla produção historiográfica referente ao tema. Nos períodos de seca surgem os movimentos sociais da população sertaneja que busca recursos nas sedes das cidades e passa a pressionar as autoridades locais a tomarem medidas objetivando suprir suas necessidades imediatas.

Como já são conhecidos, os problemas sociais que atingem a população rural da região nordestina transforma-se em catástrofe. A zona rural é a área mais atingida, os habitantes geralmente sobrevivem através da tradicional agricultura de subsistência, que depende fundamentalmente da regularidade das chuvas e do pequeno criatório de rebanhos de gado e ovelha que são os mais comuns na região e da criação de alguns animais domésticos como galinhas, patos, porcos, capotes e outros. Estes produzem basicamente as culturas de

¹ Fala de Chico Mãozinha num comício em Limoeiro do Norte após um ano do acontecimento do saque.

ciclo curto como milho, feijão, mandioca e outras. Os sertanejos pobres não conseguem produzir em grande quantidade, impossibilitando a garantia de "segurança alimentar" para um ou dois anos posteriores. A ausência de invernos regulares entre esses traz grandes conflitos, logo o período de falta de chuva diferencia-se facilmente dos outros, pois o deslocamento dos sertanejos para outras áreas e a fome aumenta rapidamente.

Thomaz Pompeu descreve de uma forma extremamente clara as condições dos sertanejos quando são apreendidos pelo fantasma da seca. *Se, por infelicidade, forem surpreendidas por uma grande seca, e não chegarem ao seu alcance trabalhos de emergência ou esmolas humilhantes, com que possam escapar à morte pela fome, somente resta às populações sertanejas uma boa tábua de salvação: abandonar precipitadamente os seus pagos, a casa, o roçado agora estéril, embora dadivoso nos bons tempos, os móveis, o cão de estimação e indispensável na caça, e emigrar enquanto é tempo, antes que se agrave o flagelo e se torne mais difícil ou impossível de fazê-lo.*²

O início da década de 1950 foi marcado por três anos secos 1951, 1952, 1953, complicando as condições de vida do sertanejo. Com o prolongamento da seca que é um elemento complicador, pois provocou a movimentação dos camponeses, que muitas vezes resulta em saques como aconteceu nesta cidade em abril de 1953.

Na sua particularidade o saqueio que se deu em Limoeiro trouxe transformações para a política e ainda permitiu a constituição de lideranças como é o caso do Chico Mãozinha³, trabalhador rural envolvido no episódio do saque, cuja participação destaca-se pelo alcance e envolvimento que assume frente às reivindicações dos "flagelados da seca".

Conforme já foi dito, a problemática das secas já foi abordada de várias formas. Na perspectiva da literatura, dos estudos científicos, na poesia popular e nas mais variadas abordagens. Compreendida no final do século XIX e início do século XX, apenas como um fenômeno climático, essa gama de fontes "(...) mesmo quando trata a seca como fenômeno com repercussões sociais e históricas, a toma apenas como fenômeno natural, não abordando como um produto histórico de práticas e discursos, como invenção histórica e social (...)"⁴. A partir de meados do século XX passou a ser abordada como fenômeno social. Deixando claro que a análise não é sobre a literatura e sim sobre a seca. Observando que é uma temática constantemente trabalhada por várias ciências.

² SOBRINHO, Thomaz Pompeu. A HISTÓRIA DAS SECAS (SÉCULO XX) 2ª Edição. Coleção Mossoroense, volume CCXXVI. 1982.

³ Camponês, residente na comunidade rural de Canafístula de Bixopá, a qual as estiagens deixam numa situação complicada, pois os meios de sobrevivência dos camponeses se restringe à agricultura que se dá através dos invernos quando são regulares e do criatório de alguns pequenos animais.

⁴ ALBUQUERQUE, JR, Durval Muniz. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste. Revista Brasileira de História. Espaço Plural. São Paulo ANPUH/ Marco Zero, vol. 14 n° 28. 1994. Pág. 111.

Os mais recentes estudos têm tratado-a como um fenômeno ligado às estruturas econômicas, sociais e políticas. Estes, que a entendem como fenômeno social procuram situar os sujeitos e os sofrimentos que eles enfrentam em decorrência da seca dentro dos acontecimentos desta. Enquanto isso, determinados setores da sociedade utilizam a seca de forma a beneficiar seu grupo político ou a si mesmo. Sabemos que, através de programas projetados especialmente para os flagelados como: emergências, cestas alimentícias, obras públicas e outros, as autoridades locais empregam os recursos públicos em benefício próprio ou de um grupo reduzido que lhe dá apoio e sustentação.

Neste percurso são necessárias outras interpretações, dando ênfase ao conjunto de práticas políticas e sociais que permeiam e constituem esses momentos de calamidade social. Indo desde as políticas paternalistas, que procura deixar todos os flagelados e as ações praticadas por estes sob o seu controle. Essas ações da população, na seca, são movimentos entendidos como políticos que trazem para a cena da história, sujeitos que até então estavam silenciados. Através das ameaças, dos saques, das exigências, é que eles aparecem no espaço público.

Para entender as especificidades é necessário observar o desejo que as autoridades possuem de manipular as pessoas, assim como dos recursos destinados para os flagelados pelo poder público; observar o percurso dos movimentos sociais que marcaram este período de estiagem. Além das exigências por parte dos camponeses advindos da zona rural, que procuravam melhorar ou pelo menos diminuir o sofrimento. Analisando essas questões referentes à seca do início da década de 1950 e a movimentação dos flagelados que resultaram num saque, percebemos que esses elementos tornam essa seca diferente de outras.

A compreensão de um episódio como esse envolve a análise de outros, como a movimentação dos sertanejos, pois sabemos que antes da realização do saque existe todo um processo de mobilização por parte dos flagelados que não possuem nenhuma outra providência a não ser procurar a cidade. Os mecanismos utilizados por estes, como exigências, pressões, ameaças são formas de negociação que adquirem alcance político. Essas questões merecem um olhar aguçado que perceba o conflito entre as classes envolvidas. Analisar as práticas políticas que se verificam em torno das manifestações dos flagelados que participaram do saque de 1953, pois há aspectos que evidenciam o jogo político praticado para tirar proveito das condições de calamidade dos sertanejos. Alguns destes não eram beneficiados com os socorros públicos destinados à população local, por não integrarem o grupo político das autoridades públicas responsáveis pela distribuição das mercadorias. Percebe-se, portanto, a utilização da calamidade provocada pela seca como instrumento de manipulação política. Há toda uma exploração das condições em que se encontram os trabalhadores rurais por parte do

poder público. *"Aonde tinha o destaque de uma pessoa que tomasse conta daquele movimento, então o cabra fazia uma lista e levava tantas pessoas para trabalhar e depois dava a mercadoria. Aquele povo que trabalhava recebia a mercadoria de acordo com os dias que trabalhava"*⁵.

Assim, só eram beneficiadas as comunidades que tinham uma liderança política que pertencesse ao grupo das autoridades locais responsáveis pela organização e distribuição da mercadoria e do trabalho. As outras não, pois a prática paternalista regia as relações entre flagelados e autoridades beneficiando uns e outros não, essas práticas vão além das relações políticas, essa "concentração de autoridade" domina espaços econômicos, religiosos e culturais, deixando-nos perceber o agravamento exacerbado do abuso do poder público local.

Nesse período, 1950, os camponeses já tinham experiências acumuladas de outras secas, assim eles se reuniam nas sedes das cidades para pressionar as autoridades locais por resoluções para os seus problemas. Mesmo não compreendendo a importância da força dessas ações, os sertanejos considerados flagelados pela situação de calamidade pela qual estão passando, começam a negociar com autoridades locais suas necessidades. *"(...) a década de 1950 significou para os retirantes das secas, o estabelecimento e consolidação de uma tradição nas formas de pressão e negociação com as autoridades urbanas"*.⁶

Apesar de que no Brasil, principalmente nos grandes centros a organização dos trabalhadores rurais já ser considerável, sabemos da presença de Ligas Camponesas, Sindicatos Rurais e associações diversas como formas novas políticas. Mesmo assim esse tipo de movimento social não foi reconhecido como um ato político, principalmente nesta cidade, mas como uma afronta às autoridades locais e ainda como invasão à propriedade privada.

De acordo com José de Souza Martins, os movimentos só são considerados políticos se estiverem ligados a algum modelo moderno de política. Nesta perspectiva, os movimentos não são considerados políticos pelas autoridades locais, mas negar essas ações enquanto movimento político que envolve relações de poder é negar o conflito entre as classes.

Em Limoeiro do Norte, percebe-se que a história da movimentação possui algumas peculiaridades. Os flagelados advindos das áreas rurais, procuravam alguma forma para minimizar as suas necessidades, eles ficaram sabendo da existência de uma mercadoria doada pela CAN - Companhia de Abastecimento do Nordeste - que teria que ser distribuída entre os atingidos pela seca e não foi. *"Veio muita mercadoria naquela época estava*

⁵ José Amirto Nunes Maia.(Zé Lopes) Depoente. 70 anos. Sítio Milagres-Limoeiro do Norte. Março de 2001.

⁶ NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará. Tese de Doutorado em História Social apresentada a UFF, 1998. Pág. 136.

depositada no armazém dele, do prefeito Francisco Nonato Freire, conhecido por Mixico Nonato, a mercadoria estava ali vizinho a casa dele, no armazém, ali depois do cemitério".⁷

Assim é possível verificar que o saque não era entendido como um fato político, mas como uma invasão à propriedade privada que seria o armazém, que os depoentes afirmam pertencer ao prefeito. Esse aspecto aponta para o tipo de relações existentes, baseadas no uso de recursos públicos de maneira privada. *"A multidão faminta, com toda necessidade, com justa razão, se dirigiram para lá fizeram aquele aglomerado muito grande, quebraram a porta do armazém e carregaram a mercadoria".⁸*

Essa aglomeração ou reunião de flagelados aconteceu antes do saque se concretizar, várias outras vezes eles já haviam se reunido para pressionar, mas não foram atendidos, então tomaram por decisão saquear. Segundo Field, não existe outra forma de pressionar: *"se os camponeses quisessem chamar atenção das autoridades não tinha nenhum modo eficiente de fazê-lo senão desafiando a autoridade pela ação direta, uma vez que não havia qualquer mecanismo político que se fizesse ouvir".⁹*

É provável que os sertanejos não tinham conhecimento do poder que estava presente em suas ações e nem mesmo o significado enquanto luta política, mas aqui, existem outros fatores que são praticamente determinantes: a fome e a falta de água. Estes se movimentam no momento em que são obrigados pela necessidade a que estão submetidos.

As vítimas da seca adquirem um poder político de pressão, organizados politicamente e impulsionados pela fome, passam a reivindicar direitos. Nesse período, ou seja, 1950, o poder público atribui ao Estado a responsabilidade de criar soluções para assistir aos atingidos pelas secas, e muitos camponeses já sabem disso. Mas a prática do Estado era o assistencialismo. Ou seja, os camponeses são incluídos na tradicional política paternalista, que na verdade os excluem, deixa-os fora do processo político, tornando-os objetos removíveis para qualquer situação, sem contestar. Reverter este quadro fazendo uso dos modelos modernos, embora não o conheçam muito bem é um grande salto.

Mesmo dentro desse modelo tradicional, ou seja, essa assistência aos camponeses, é possível ver um momento de transição ou oscilação das relações políticas. Pois, quando percebemos os camponeses situados no emaranhado da política moderna, fica difícil compreender suas ações que são na maioria das vezes consideradas tradicionais. Então é preciso observar que este grupo é flexível, que mesmo chamado de tradicional se envolve nas

⁷ Clodoveu Maia Vidal. Depoente, 75 anos, Limoeiro do Norte, 04/1999.

⁸ Clodoveu Maia Vidal. Depoente, 75 anos Limoeiro do Norte, 04/1999.

⁹ FIELD, Dos Camponeses e a Política. Pág. 231. In HOBSBAWN. E. J., 1917 – Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz / Tradução de Irene Hirsch, Lólio Lourenço – São Paulo: Paz e Terra 1998.

formas modernas de política. Mas é importante deixar claro que estes não se desligaram ou romperam com as práticas tradicionais, depois das transformações do mundo moderno.

Os camponeses embarcaram nessa, muitas vezes sem uma definição precisa das ações que estavam praticando ou participando. Talvez não soubessem designar que na prática das suas ações residia um tipo de poder, mas sabia porque estava realizando, os motivos que os levavam para essas ações eram claros. Vale salientar que os modelos modernos de política não invalidam as relações tradicionais e chega um momento em que estes passeiam de um modelo a outro, sem estar fixados a nenhum.

Os costumes deixaram ensinamentos para as ações praticadas pela massa popular que muitas vezes não tem outra opção, a não ser manifestar-se e reivindicar necessidades básicas como a de alimentar-se. A fome a que estão submetidos constitui a legitimação dessas ações. Os camponeses começaram a acumular experiências, assim conseguiram lidar com a problemática da seca com mais facilidade, desde o início do século estes foram adquirindo conhecimentos e negociando com as autoridades, ou seja, foram moldando-se as formas de negociação que lhes eram propostas.

As ações da "multidão" se legitimam, mas também trazem para o cenário da sociedade elitista alguns elementos que podem ser considerados novos, como a negociação entre retirantes e autoridades locais. No mesmo momento essas autoridades aproveitam-se para colocarem em prática as suas estratégias políticas ocasionando um conflito de interesses.

Se compreendermos que o processo histórico inclui contradições, confrontos entre classes opostas, também é possível ver essas lutas ou movimentos dos camponeses com um caráter político. Observamos que em certos momentos essas lutas não estão inseridas na definição moderna de política, que são organizações, sindicatos, partidos políticos e associações. Assim não necessariamente tem que estar ligado a esta definição para se caracterizar enquanto movimento político.

Os camponeses, quando decidem por buscar junto às autoridades locais maneiras de diminuir a fome e são atendidos nos seus pedidos, voltam para seus lugares de origem e muitas vezes calam-se. Mas isso não significa que a situação tenha sido resolvida, pois a própria estrutura do campo é complicada e não é possível de ser resolvida facilmente.

Quando não são atendidos, é que se tornam visíveis às manifestações, dentro de uma organização que muitas vezes eles próprios desconhecem. Rompem com as regras sociais estabelecidas, mesmo que suas manifestações sejam consideradas como desordem. Pois as interpretações são muitas, mas a passividade e a submissão dos sertanejos sempre limitados ao espaço do campo se transforma e estes passam a agir, portanto "*Ser subalterno não é ser impotente*" "

Para Neves, o fato dos retirantes chegarem ao espaço público e expressarem seus desejos e necessidades é uma atitude inovadora que vai surpreender as elites dominantes que não permitiam que essa classe submissa utilizasse o espaço público para fazer manifestações.¹⁰

Os retirantes utilizam a praça pública, motivados pela falta de socorros. A necessidade possibilita-os ganhar mais espaço no ambiente social e a fome é a principal causa dessa ocupação. "*O povo já vinha pra cidade, já vinha ameaçado de saque a 10 ou 15 dia, devido à fome que havia no sertão por causa da seca.*" · Cada estiagem é determinante da calamidade pela qual passam os camponeses, vítimas desse desequilíbrio da sociedade que se volta para a seca como se o fenômeno fosse totalmente climático e não social.

Portanto, temos uma nova definição para os movimentos camponeses e os saques passam a adquirir um caráter político. Os movimentos da multidão se solidificam mais e mais, negociando diretamente com as autoridades, exercendo politicamente os seus direitos, os homens do sertão nesse momento são sujeitos políticos, mesmo não sendo conscientes politicamente discutem e exigem das autoridades urbanas soluções.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA**, Ivone Cordeiro. Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, Secretária de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BURKE**, Peter. A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- CARDOSO**, Ciro Flamarion e **VAINFAS**, Ronaldo. (Org.). Domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHAVES**, José Olivenor Sousa. Fortaleza e os Retirantes da Seca de 1877-1878: o real de imaginário dominante. Dissertação de Mestrado: UFPE, 1995.
- ALBUQUERQUE JR**, Durval Muniz. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste. Revista Brasileira de História. Espaço Plural. São Paulo ANPUH/ Marco Zero, vol. 14 n.º 28, 1994.

¹⁰ NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História: ações de massa no Ceará: UFRJ. 1985.

DESLANDES, Suely Ferreira, **NETO**, Otávio Cruz, **GOMES, Romeu** e **MINAYO**, Maria Cecília de Souza (Orgs.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis- RJ 1994.

ECO, Umberto. Como Se Faz Uma Tese. São Paulo: Perspectiva. 1997.

GIRÃO, Raimundo. História econômica do Ceará. Fortaleza. Instituto Histórico do Ceará. 1947

HOBSBAWN, Eric. J. 1917., Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz/ Tradução de Irene Hirsch, Lólio Lourenço - São Paulo: Paz e Terra 1998.

LIMA, Lauro de Oliveira. Na Ribeira do Rio das Onças. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes,1995.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. São Paulo. Contexto: 1992.

NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará. Tese de Doutorado: UFF. 1995.

_____. Imagens do Nordeste: A construção da Memória Regional. Fortaleza. Secult.1994.

_____. A Seca na História do Ceará. IN - Uma Nova História do Ceará. (Org.). Simone Sousa - Fortaleza.: Edições Demócrito Rocha.2000.

OLIVEIRA. Francisco de. Elegia para uma Re(li)gião. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 02 n.º 03. 1989.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. História das Secas (século XX) 2ª edição. Coleção Mossoroense, volume CCXXVI.1992

TEÓFILO, Rodolfo. A Fome. Violação. Rio de Janeiro: José Olímpio; Fortaleza: Acadêmica Cearense de Letras,1979.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum: estudo sobre s cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, **PEIXOTO**, Maria do Rosário da Cunha e **KHOURY**, Yara Maria Aun. A pesquisa História. São Paulo: Ática. 1995.